

EM BUSCA DA IDENTIDADE LUSO-BRASILEIRA NO ASSOCIATIVISMO ESPORTIVO EM PORTO ALEGRE NO PRINCÍPIO DO SÉCULO XX

JANICE ZARPELLON MAZO

Professora dos cursos de licenciatura e bacharelado em educação física da Escola de Educação Física (Esef) e do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano (PPGCMH) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)
Tutora do Programa de Educação Tutorial da Educação Física (PET-Esef-UFRGS)
E-mail: janmazo@terra.com.br

TIAGO OVIEDO FROSI

Graduando em educação física – bacharelado pela Escola de Educação Física (Esef) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)
Bolsista do Programa de Educação Tutorial da Educação Física (PET-Esef-UFRGS)
E-mail: tiago.frosi@yahoo.com.br; sensei_frosi@hotmail.com

RESUMO

A presença marcante dos luso-brasileiros em Porto Alegre restringiu-se inicialmente às danças e ao folclore, e a partir da segunda metade do século XIX na prática do turfe. Somente no princípio do século XX os luso-brasileiros organizam sua primeira associação esportiva na cidade, privilegiando a prática remo. Nessa época já havia outras associações de remadores em Porto Alegre, mas que congregavam na sua maioria os teuto-brasileiros. Este estudo tem como objetivo central compreender como ocorreu o confronto de identidades culturais entre as associações esportivas luso-brasileiras e teuto-brasileiras em Porto Alegre nas primeiras décadas do século XX. É provável que a adoção do remo, enquanto principal prática esportiva pelos luso-brasileiros, significou uma reação à presença marcante dos teuto-brasileiros no associativismo esportivo porto-alegrense. Para os luso-brasileiros, o associativismo esportivo constituiu-se num mecanismo de demarcação de fronteiras em relação aos teuto-brasileiros em Porto Alegre.

PALAVRAS-CHAVE: Associações esportivas; luso-brasileiro; identidades culturais.

INTRODUÇÃO

As primeiras associações esportivas em Porto Alegre foram fundadas a partir de meados do século XIX pelos dois primeiros grupos de imigrantes que aportaram na cidade: portugueses e alemães. No princípio do século XX, as associações esportivas demarcavam um espaço sociocultural na cidade de Porto Alegre. Durante um longo período, o associativismo esportivo desempenhou papel central na expressão das identidades culturais dos imigrantes e seus descendentes.

Através da manutenção da língua da pátria de origem, da adoção de símbolos (bandeira, cores do uniforme de atletas, entre outros) e da introdução de práticas esportivas, foram sendo produzidas “fronteiras simbólicas” (HALL, 1997) entre os grupos de imigrantes. Essas práticas de significação, de acordo com Hall (1997), operam por meio da diferença, envolvendo um trabalho de marcação, como também de produção de efeitos de fronteiras simbólicas. Isso pode ser observado tanto nas associações esportivas fundadas pelos luso-brasileiros quanto naquelas criadas pelos teuto-brasileiros, os quais se apropriaram de certos elementos culturais como forma de representação de suas identidades.

Cabe esclarecer que os luso-brasileiros compartilhavam o entendimento de que a cidadania e a nacionalidade são determinadas pelo país de nascimento – noção do *jus soli*. Sendo assim, consideravam-se cidadãos brasileiros de nacionalidade brasileira. Já os teuto-brasileiros se distinguiam nesse aspecto, pois se identificavam como cidadãos brasileiros de nacionalidade alemã (SEYFERTH, 1990). Para os teuto-brasileiros a nacionalidade estava relacionada à filiação cultural, enquanto a cidadania era determinada pela participação política e econômica no país – noção do *jus sanguinis*. Diante dessa situação peculiar, os luso-brasileiros produziram uma identificação e foram reconhecidos como sendo “brasileiros” – os nacionais –, enquanto os teuto-brasileiros eram vistos como “os outros” – os estrangeiros. Portanto, esses grupos culturais não estão no mesmo plano de construção de identidades no âmbito do associativismo esportivo, pois construíram relações diferenciadas com o nacional.

Tendo em vista que a instância cultural é o foco do estudo, o confronto de identidades culturais é percebido como um processo que se constitui por meio de representações e práticas culturais (BURKE, 2005; CHARTIER, 2000; PESAVENTO, 2004). O estudo de Mazo e Gaya (2006) mostrou que os teuto-brasileiros preservaram sua identidade cultural pela difusão da ginástica alemã, de práticas esportivas, dos festivais de ginástica e manutenção do idioma (dialeto) alemão nas associações. Da mesma forma, os luso-brasileiros demarcaram suas fronteiras simbólicas, construindo sua auto-identificação ao mesmo tempo em que buscaram a diferenciação, pois não compartilhavam os mesmos elementos culturais. Essa situação desencadeou

conflito entre esses grupos que buscavam construir distinções culturais no associativismo esportivo.

Este estudo tem como objetivo geral compreender como ocorreu o confronto de identidades culturais entre as associações esportivas luso-brasileiras e teuto-brasileiras em Porto Alegre nas primeiras décadas do século XX. Identificar por que os luso-brasileiros escolheram o remo como principal prática esportiva da sua primeira associação e que representações de identidade cultural foram construídas pelas associações esportivas luso-brasileiras são os objetivos específicos desta pesquisa.

Os procedimentos metodológicos adotados foram os seguintes: pesquisa documental e história oral. Fontes documentais impressas foram consultadas e submetidas à análise documental (BARDIN, 2000). Tendo como referência a história oral (ALBERTI, 1989; THOMPSON, 1992) foram coletados três depoimentos orais de ex-atletas e dirigentes das associações esportivas de Porto Alegre, os quais são identificados no decorrer do estudo pelas letras do alfabeto (A; B; C). Os depoimentos foram submetidos à análise temática de conteúdo de acordo com a orientação de (BARDIN, 2000).

A complexa relação entre os luso-brasileiros e os teuto-brasileiros no associativismo esportivo tornou-se um tema relevante para pesquisas, pois traz subsídios para a reflexão sobre a construção de identidades culturais nas associações esportivas, a partir do olhar sobre as precursoras. Ainda, justifica-se a realização desta pesquisa em razão da escassez de estudos históricos sobre o tema do associativismo esportivo no Brasil.

Traçar os contornos da identidade e da diferença pelo fenômeno cultural do associativismo esportivo não é uma tarefa simples. O desafio de empreender-se na busca da interpretação das relações entre as associações esportivas e a produção de fronteiras culturais também é uma forma de demonstrar a importância dessas instituições para a construção de uma cultura identificada como “brasileira”. Com este estudo, pretende-se contribuir com os trabalhos que tratam da história do esporte, buscando explicações para uma dimensão, ainda, pouco explorada nas pesquisas acadêmicas.

TURFE: A EXIBIÇÃO DA PRESENÇA LUSO-BRASILEIRA EM PORTO ALEGRE

A prática do turfe foi organizada na cidade a partir de 1873, ano em que foi fundado o primeiro prado. A constituição do “Prado Porto-Alegrense” foi favorecida pelo aprimoramento do quadro viário de Porto Alegre e o surgimento dos “arraiais” ou “arrabaldes” (atualmente bairros). Contou com o apoio de médicos, militares, conselheiros e industrialistas criadores de cavalos.

Após três anos de funcionamento, sem motivos aparentes, o Prado Porto-Alegrense encerrou suas atividades (*Revista do Globo*, 1929 apud MAZO, 2004). No mesmo local, em 23 de maio de 1880, foi instalado o “Prado Boa Vista”, pelo mesmo grupo que já havia contribuído com recursos financeiros para a construção do Prado anterior (WERNER, 2001).

No ano seguinte a inauguração do Boa Vista, em 6 de fevereiro de 1881, ocorreu a fundação do “Prado Rio-Grandense”. Este foi construído no local do antigo parque de exposições no arraial do Menino Deus. A edificação do hipódromo coincidiu com o ciclo de prosperidade do Menino Deus, que concentrava chácaras pertencentes à elite luso-brasileira. O Rio-Grandense tinha uma proposta diferenciada do Boa Vista, pois permitiu a incorporação de um costume oriundo das carreiras em cancha reta: os desafios particulares (FRANCO, 1998).

A extensão da linha de bondes até o bairro Independência motivou a construção do “Prado Independência” em 1894. Em virtude desse novo empreendimento foram realizadas melhorias no calçamento. Além disso, houve a intensificação das construções na Avenida Independência, que se tornou um ponto elegante da cidade, com forte concentração da elite porto-alegrense. O Independência, posteriormente, passou a denominar-se “Prado Moinhos de Vento” em razão de sua localização no bairro de mesmo nome (ROZANO; FONSECA, 2005). Com quatro prados em funcionamento, o turfe atingiu seu auge em Porto Alegre na última década do século XIX (FRANCO; SILVA; SCHIDROWITZ, 1940).

No princípio do século XX, o turfe começou a enfraquecer ocorrendo o fechamento dos prados. O “Prado Navegantes” encerrou suas atividades em 1906. No ano seguinte, foi o Prado Porto-Alegrense, que parou de funcionar, e, em 14 de novembro de 1909, foi extinto o Prado Rio-Grandense (AMARO JÚNIOR, 1942). O desaparecimento dos prados está relacionado à expansão da cidade, que acabou ocupando esses espaços com loteamentos e construções (CARNEIRO, 1957).

Um fator que também contribuiu para o enfraquecimento da prática do turfe em Porto Alegre, o qual também ocorreu na cidade do Rio de Janeiro, onde, segundo Melo e Maia (2005), foram organizadas as primeiras corridas de cavalos no Brasil, foi a não preocupação em desenvolver a criação de uma raça de cavalos especificamente qualificada para o turfe. Em contrapartida, a realidade de tal prática em ambas as cidades mencionadas apresentava como motivação central para as corridas de cavalos o seu caráter de jogo de azar, ou seja, as apostas. Sendo assim, analisando-se especificamente o contexto de Porto Alegre, tem-se também como provável aspecto desencadeador da decadência do turfe, de acordo com Rozano e Fonseca (2005), a crise econômica advinda da longa Revolução Federalista (1893/1895) que atingiu o setor.

Em função dos problemas que atingiram a economia, no final do século XIX, os movimentos de apostas diminuíram para menos de dez contos de réis, gerando uma situação insustentável. Já no caso do Rio de Janeiro, com o passar do tempo, as apostas passaram a constituir um obstáculo para a prática esportiva, uma vez que ocorriam muitas armações nos resultados, o que gerava freqüentes desentendimentos nos prados e demais locais de realização de competições, seguidas sempre de ação da polícia. Portanto, houve várias iniciativas governamentais visando proibir ou, pelo menos, regulamentar o ato de apostar, o que sempre gerava enorme polêmica e debate público (MELO, 2001, 2007).

O declínio do prestígio do turfe, também, coincide com a chegada das inovações esportivas em Porto Alegre, entre elas o futebol. Franco (1998, p. 91) refere que os prados foram “um fenômeno transitório e surpreendente na cidade, pois com o novo século os espaços do turfe cederiam seu lugar aos do futebol”. Em 1903 foram fundadas as duas primeiras associações de futebolistas na cidade, o “Grêmio Foot ball Porto Alegrense” e o “Fussbal Porto Alegre”. A emergência do futebol e a difusão dos demais esportes de massa geraram uma crise à prática turfística.

A elite luso-brasileira resistiu à incorporação da nova prática esportiva e procurou reanimar o turfe na cidade com a organização da Associação Protetora do Turfe. Essa entidade, fundada em 7 de setembro de 1907, data comemorativa da Independência do Brasil, tinha um significado especial para os adeptos e incentivadores das corridas de cavalo em Porto Alegre. O simbolismo da data estava associado ao objetivo registrado na ata de fundação da associação: promover a unificação e impulsionar o esporte hípico em Porto Alegre, “em crise bem difícil” (ROZANO; FONSECA, 2005, p. 33). Ao mesmo tempo em que tinha como finalidade recuperar o turfe porto-alegrense, a “Protetora do Turfe” também se constituiu num espaço de afirmação dos luso-brasileiros. Os nomes e sobrenomes luso-brasileiros dos quadros dirigentes apontam nessa direção, desde a fundação até o final da década de 1920 (*Revista do Globo*, 1929 apud MAZO, 2004).

Apesar do empenho dos membros da Associação Protetora do Turfe, restou apenas um espaço para a prática do turfe em Porto Alegre, o Prado Independência. Esse Prado manteve suas atividades no bairro Moinhos de Vento até novembro de 1959, quando foi transferido para o bairro Cristal, onde se encontra atualmente, sendo o único existente em Porto Alegre.

A desaceleração do turfe em Porto Alegre ocorreu ao mesmo tempo em que se processava a transição para um novo modelo sociocultural. As profundas transformações sociais e econômicas na cidade, marcadas pelo aumento de sua população, pelo processo de urbanização e modernização, favoreceram a introdução de novas práticas esportivas pelas associações. Em Porto Alegre, conforme

Jesus (2001), contrastava o sedentarismo da herança cultural lusitana com a atitude inovadora dos teuto-brasileiros praticantes de esportes.

Esse era o cenário esportivo da cidade até o início do século XX. Enquanto os luso-brasileiros prestigiavam o turfe, a elite econômica teuto-brasileira freqüentava as associações de ginástica, remo, tênis e ciclismo existentes em Porto Alegre desde meados do século XIX. Todavia, esse contexto começou a ser modificado no início do século XX, quando os luso-brasileiros, que pareciam não ter uma tradição associativa, se apropriaram das práticas esportivas e, dessa forma, se fizeram representar no associativismo esportivo em Porto Alegre.

REMO: PRÁTICA ESPORTIVA APROPRIADA PELOS LUSO-BRASILEIROS

Os luso-brasileiros tornaram-se presença marcante no associativismo esportivo em Porto Alegre no início do século XX. Até a virada para o novo século, a influência dos luso-brasileiros restringia-se às danças e ao folclore (WIEDERSPAHN, 1979). Havia espaços organizados para a prática do turfe, mas sem o caráter associativo identificado nas associações esportivas fundadas a partir de meados do século XIX pela iniciativa dos teuto-brasileiros, que contemplavam várias práticas esportivas.

Nos moldes do associativismo teuto-brasileiro, os luso-brasileiros fundaram sua primeira associação esportiva na cidade de Porto Alegre em 1903. O remo foi a prática esportiva escolhida pelos luso-brasileiros. A associação de remadores, denominada de “Club de Regatas Almirante Tamandaré”, foi inaugurada no início do ano de 1903.

De acordo com o entrevistado E, a origem do Club Tamandaré estava relacionada ao “movimento nacionalista liderado pelo capitão do Porto, Gaspar Fróes de Azevedo, que era o delegado da capitania e foi quem patrocinou a fundação do clube. Tanto é que o Almirante Tamandaré foi fundado na Delegacia da capitania dos Portos”. Esse depoimento sugere que a fundação do clube foi uma forma de expressão da identidade cultural dos luso-brasileiros, enquanto reação à presença de outros grupos culturais que disputavam a espacialização social da cidade.

Embora o Club Tamandaré tenha sido organizado pela iniciativa de luso-brasileiros, cujo primeiro presidente foi o luso-brasileiro Gaspar de Azevedo, não restringia o ingresso de teuto-brasileiros. Ao contrário, acolhia entre os sócios aqueles teuto-brasileiros que estavam descontentes com suas associações em razão da oficialização estatutária do idioma (dialeto) alemão. Um caso ilustrativo dessa situação foi do remador teuto-brasileiro Fritz Richter, que se associou ao Club Tamandaré porque discordava das instruções em idioma (dialeto) alemão durante o treinamento, conforme ocorria na sua associação de origem (AMARO JÚNIOR, 1942).

Em busca de outros significados, o caso citado permite refletir que o conflito de identidades culturais no campo esportivo também pode produzir efeitos de integração entre os diferentes grupos. Afinal, as identidades são fluidas, negociadas e continuamente reconstruídas (BURKE, 2005). Sendo assim, é provável que houvesse a recomposição de representações de identidades culturais, quando o remador teuto-brasileiro passou a compartilhar a prática do remo no clube identificado com os luso-brasileiros.

Segundo o entrevistado B: “não se falava português nos clubes, mas quando surgiu o ‘Almirante Tamandaré’ a situação começou a modificar”. Nesse clube a língua portuguesa era falada nos treinamentos e nas demais atividades esportivas e sociais, além de ser oficializada nas atas. Esse é um dos motivos que levou o Club Tamandaré a ser considerado o primeiro centro náutico que nacionalizou o remo no Brasil (AMARO JÚNIOR, 1942). Era identificado enquanto uma associação de remadores brasileiros, pois além da adoção da língua portuguesa a maioria dos sócios era luso-brasileira. Franco, Silva e Schidrowitz (1940) reconhecem a identidade cultural brasileira do Club Tamandaré, quando afirmam que “foi o primeiro clube de ‘brasileiros’ que excursionou ao Uruguai, tripulando o primeiro *out-rigger* a 8 remos, o Tupinambá” (p. 646). Observa-se que até o nome do barco remete a uma representação da identidade brasileira.

A fundação do Club Tamandaré – conhecido como “Clube Português” – representou a disputa de espaço justamente por meio da escolha de uma prática esportiva identificada em Porto Alegre com a comunidade teuto-brasileira. Quando os luso-brasileiros fundaram esse clube já existiam duas associações de remadores teuto-brasileiros: o “Ruder Club”, fundado em 1888, e o “Ruder-Verein Germânia”, fundado em 1892. Entretanto, essas associações impuseram barreiras simbólicas à participação de luso-brasileiros, como por exemplo: a adoção do idioma (dialeto) alemão na redação dos estatutos, das atas, nos treinamentos e nas demais atividades sociais (HOFMEISTER, 1978).

A língua adotada pela associação gerou divergências internas entre os membros pertencentes a essa comunidade. Esses conflitos tornaram-se visíveis quando um grupo de remadores teuto-brasileiros do Ruder-Verein Germânia entrou em atrito com o instrutor de remo em razão da dificuldade em assimilar as instruções nos treinamentos ministrados em idioma (dialeto) alemão (LICHT, 1986). Os remadores teuto-brasileiros que tinham problemas em compreender “o alemão” ou até mesmo divergiam do uso desse idioma (dialeto) decidiram organizar sua própria associação. O desentendimento levou os dissidentes a fundar o “Club de Regatas Almirante Barroso” em 26 de fevereiro de 1905, cuja língua oficializada no estatuto era “o português” (FRANCO; SILVA; SCHIDROWITZ, 1940; LICHT, 1986).

No primeiro ano que entrou em funcionamento, o Club Barroso tinha 88 associados lusos e teuto-brasileiros. Inclusive seu primeiro presidente foi o teuto-brasileiro Pedro Adams (MACHADO, 1946). Essa associação de remadores, assim como a sua antecessora, não impedia a inclusão de associados teuto-brasileiros, mostrando-se mais aberta em relação às outras associações teuto-brasileiras, que adotaram critérios rígidos para ingresso no seu quadro social.

A criação do Club Barroso pela iniciativa de teuto-brasileiros sugere que havia grupos diferenciados que disputavam espaços dentro da própria comunidade teuto-brasileira. Isso mostra que não havia uma única identidade teuto-brasileira, mas sim identidades múltiplas. Segundo Magalhães (1998) havia conflitos entre os teuto-brasileiros nascidos no Brasil e aqueles que chegaram depois trazendo idéias típicas alemãs. Entretanto, essas diferenças ficavam atenuadas, à medida que as associações eram reconhecidas como teuto-brasileiras.

No ano seguinte à fundação do Club Barroso, em 1906, um grupo de estudantes teuto-brasileiros do tradicional Hilfsverein Schule (atual Colégio Farroupilha) organizou sua associação de remo, o Ruder-Verein Freundschaft (*Revista do Globo*, 1933 apud MAZO, 2004). Consta que os jovens estudantes fundaram a associação porque não puderam associar-se nas já existentes em virtude da pouca idade, pois o mais velho tinha 15 anos. Porém, não foi encontrada informação com relação à exigência de idade mínima para o ingresso nas associações teuto-brasileiras. Além dessa explicação é provável que a iniciativa de fundar uma associação de remadores esteja relacionada à necessidade de afirmação do domínio dos teuto-brasileiros no remo, que foi abalado pela fundação das associações luso-brasileiras.

Após uma década da fundação do Ruder-Verein Freundschaft, os luso-brasileiros demonstraram novamente a sua força no associativismo esportivo. Em 28 de janeiro de 1917, na reunião presidida por José da Costa Dias, “116 elementos representativos da colônia portuguesa” fundaram o “Club de Regatas Vasco da Gama” (FRANCO; SILVA; SCHIDROWITZ, 1940, p. 645). Esse clube foi fundado durante a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), justamente no período que coincide com o forte abalo sofrido pelas associações teuto-brasileiras em consequência da guerra.

O Club Vasco da Gama – conhecido como o “Clube da Cruz de Malta” – nasceu como uma associação de remadores e, posteriormente, organizou a prática da natação e do pólo aquático (LICHT, 1986). Tanto as associações luso-brasileiras como as teuto-brasileiras, além do remo, incentivaram a prática do pólo aquático. Entretanto, até meados da década de 1910, as associações luso-brasileiras e teuto-brasileiras não competiam entre si. Quando foi promovida a primeira competição cidadina da modalidade, em 1914, somente as equipes das associações luso-brasileiras participaram do evento (PIMENTEL, 1945). Essa situação retratava a dificuldade de

relacionamento entre as associações de remo luso-brasileiras e teuto-brasileiras nas competições esportivas.

Quando as competições deixaram de ser restritas às associações que pertenciam ao mesmo grupo cultural, aproximadamente na década de 1920, as disputas tornaram-se acirradas. O entrevistado C afirmou que a rivalidade entre as associações de remo “era fortíssima, não que a gente não tivesse amizade. É engraçado que a gente se dava; eu, por exemplo, me dava muito bem com o pessoal do Barroso, do próprio Gaúcho, mas tinha gente, e daí eu acho que era mais da parte de dirigente, que se odiavam. As disputas eram quase um fanatismo”. Algumas associações esportivas eram tradicionais rivais nas competições, como o Ruder-Verein Freundschaft (atual Grêmio Náutico União), o Grêmio Náutico Gaúcho e o Club Barroso. Esse último foi a associação de remo porto-alegrense que mais obteve vitórias e títulos regionais, nacionais e sul-americanos, o que lhe rendeu o apelido de “O Glorioso” (MACHADO, 1946).

Tanto as associações de remadores identificadas com os luso-brasileiros como as associações teuto-brasileiras estavam instaladas em localidades muito próximas. A sede do Club Tamandaré foi um galpão localizado à Rua General Portinho às margens do Rio Guaíba, cedido pelo primeiro presidente, o capitão Gaspar, em 7 de setembro de 1903 (HOFMEISTER, 1978). Já o barracão listrado em azul e branco do Club Barroso foi construído entre as fábricas do Caminho Novo com a colaboração dos associados. Além desses dois casos, todas as demais associações de remo foram fundadas e mantidas pela iniciativa de grupos.

Na documentação consultada não se encontrou qualquer referência à incidência do poder público na formação das associações. O estudo realizado por Mazo (2003) constatou que a voluntariedade foi uma característica básica das associações esportivas fundadas em Porto Alegre, assim como a autogestão. Durante um longo período de tempo, as associações adquiriram suas instalações, compraram equipamentos e mantiveram-se em funcionamento em razão da ajuda financeira e cooperação dos sócios. Tubino (1988) afirmou que o esporte no Brasil era autogovernado até os anos de 1930. As fontes consultadas indicam que esta situação vigorou no âmbito do associativismo esportivo porto-alegrense aproximadamente até o final dos anos de 1930.

Para além dos clubes de remo, a visibilidade dos luso-brasileiros no associativismo esportivo foi consolidada com a apropriação de uma inovação esportiva que chegou a Porto Alegre no princípio do século XX. O futebol foi apresentado aos porto-alegrenses pelo “Sport Club Rio Grande” em 1903, com a realização de um jogo exibição da moderna prática esportiva. Alguns anos depois, os luso-brasileiros fundaram seu clube de futebol.

A primeira associação de futebol que congregava luso-brasileiros em Porto Alegre foi o Sport Club Internacional em 4 de abril de 1909 (GALVANI, 1959). Segundo Jesus (2001), o Internacional foi criado enquanto uma associação pluriétnica, marcada pela forte presença de comerciantes luso-brasileiros. A fundação dessa associação representou uma reação às associações de futebol teuto-brasileiras, que impuseram barreiras simbólicas ao ingresso de outros grupos étnicos nas suas dependências. Conforme estudo de Mazo (2003), a utilização da língua alemã nas atividades sociais e esportivas, a adoção de símbolos identificados com a pátria de origem e a classe socioeconômica são exemplos dessas barreiras.

Antes da fundação do Internacional, a elite teuto-brasileira era referência à prática do futebol em Porto Alegre. Inclusive, no principal jogo da competição “Taça Prefeitura de Porto Alegre” realizada em 23 de maio de 1909, entre as equipes de futebol do Grêmio Foot Ball Porto Alegrense e o Sport Club Rio Grande, constatou-se a presença de apenas um jogador com sobrenome luso-brasileiro (*Revista do Globo*, 1946 apud MAZO, 2003). Vale a ressalva que o Sport Club Rio Grande, clube de origem anglo-saxônica, fundado em 1900 na cidade de Rio Grande, no estado do Rio Grande do Sul, foi a primeira associação de futebol organizada no Brasil (JESUS, 2001).

Quando foi fundado o Internacional, já havia em Porto Alegre duas associações de futebol teuto-brasileiras, o Grêmio Foot Ball Porto Alegrense e o Fussbal Porto Alegre, ambos fundados no ano de 1903. O Internacional, diferentemente dessas associações, desde o princípio, não impôs barreiras ao ingresso de jogadores pertencentes a outros grupos étnicos. O Internacional foi “pensado e criado com clara finalidade de se opor abertamente ao Grêmio, o clube mais rico da cidade” (idem, *ibidem*, p. 213). As evidências indicam que a associação luso-brasileira não construiu normas impeditivas ao acesso dos demais grupos étnicos.

O confronto de identidades entre as associações de futebol luso-brasileiras e teuto-brasileiras acentuou-se, a partir da consolidação do Internacional, enquanto uma associação luso-brasileira, principalmente no período da Primeira Guerra Mundial. Conforme Motta (1994), nesse período, emergia um sentimento nacionalista, visando ao fortalecimento da nação brasileira, que estava próxima de completar cem anos de sua independência (1822-1922). O debate de idéias relativas à construção de uma identidade nacional brasileira repercutiu no associativismo esportivo no princípio do século XX.

No contexto brasileiro houve a valorização da cultura identificada com os luso-brasileiros, gerando conflitos com os teuto-brasileiros. A inserção da comuni-

dade teuto-brasileira na vida local e nacional tornou-se alvo do poder público, que começou a se preocupar com as acentuadas manifestações de suas particularidades. Em decorrência dos traços culturais marcantes, os teuto-brasileiros passaram a ser vistos como uma ameaça à constituição da identidade brasileira, enquanto os luso-brasileiros foram vistos como aliados.

As associações esportivas teuto-brasileiras foram consideradas “estrangeiras”, enquanto as associações luso-brasileiras eram identificadas como “nacionais”. Estas tinham a presença majoritária de luso-brasileiros, reconhecidos como “brasileiros”, especialmente porque se expressavam em língua portuguesa. Uma das principais condições impostas pelo governo brasileiro para a formação de um sentimento de pertencimento à nação foi oficializar a língua portuguesa no país.

Segundo Hobsbawm (1990), o domínio de uma língua é decisivo na criação da imagem e do sentimento de pertencimento à comunidade. A língua, desde o final do século XIX, foi considerada um dos principais critérios de nacionalidade, e tornou-se essencial na definição moderna de nacionalidade ao ser pensada como fator de união. Nessa perspectiva foi oficializada a língua portuguesa no Brasil estendendo-se essa exigência para todas as associações esportivas. A exigência que as associações esportivas adotassem a língua portuguesa nas suas atas, estatutos e outros documentos foi uma tentativa de eliminar as variações regionais e, dessa forma, enfraquecer os elos culturais dos teuto-brasileiros e afirmar uma identidade nacional brasileira.

A construção da identidade cultural brasileira implicou, parcialmente, a negação da identidade teuto-brasileira no período pós-guerra. Com isso, as associações esportivas luso-brasileiras fortaleceram sua identidade apoiadas no pensamento sobre a formação da nacionalidade brasileira, que se tornou mais contundente a partir dos anos de 1920. Visando à construção da identidade brasileira elegeu-se a memória dos luso-brasileiros, como representativa da identidade cultural no país. Exemplo disso foi a criação da comemoração do “Dia da Comunidade Luso-Brasileira”, que passou a ser realizada no mês de setembro, juntamente com as festividades e cerimônias que enalteciam o “Sete de Setembro”, data comemorativa da independência do Brasil. Os clubes luso-brasileiros participavam ativamente das comemorações e, dessa forma, transformaram o panorama esportivo em Porto Alegre.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presença luso-brasileira no associativismo esportivo em Porto Alegre é marcante no início do século XX. Contudo, os luso-brasileiros já se faziam representar na sociedade porto-alegrense, desde o século XIX, pelos quatro prados

que chegaram a funcionar simultaneamente na cidade. Nesse período, os prados construídos pela iniciativa de luso-brasileiros disputavam a espacialização social da cidade com as associações de ginástica, tiro, remo, ciclismo e tênis fundados pela iniciativa dos teuto-brasileiros.

As associações ocupavam um lugar destacado na sociedade porto-alegrense, por isso havia o interesse das elites econômicas em buscar visibilidade também no campo esportivo. Geralmente, homens oriundos dessas elites ocupavam cargos de presidentes ou de membros da diretoria das associações esportivas. Outros buscavam integrar o quadro de sócios, pois isso era uma forma de distinção social. Enquanto uma parcela da elite teuto-brasileira buscava exibir sua presença nas associações esportivas, a elite econômica luso-brasileira buscava visibilidade social freqüentando os prados.

À medida que ocorreu o enfraquecimento do turfe em Porto Alegre, evidenciado pelo fechamento da maioria dos prados na primeira década do século XX, os luso-brasileiros construíram outros espaços para a exibição da sua presença. Buscando preservar sua identidade, os luso-brasileiros fundaram suas associações de remo. A criação do Club de Regatas Almirante Tamandaré, em 1903, representou um marco no cenário esportivo da cidade, cujo significado está relacionado ao reconhecimento da capacidade associativa dos luso-brasileiros, que até então era um atributo apenas dos teuto-brasileiros.

Essa situação aponta para um confronto de identidades culturais entre a elite luso-brasileira e teuto-brasileira. O associativismo luso-brasileiro foi impulsionado pelo conflito de identidades que ocorreu nas próprias associações teuto-brasileiras, em razão dos impasses gerados pela oficialização da língua alemã nos documentos impressos e na comunicação entre os dirigentes e associados. Com a aceitação de teuto-brasileiros, que se comunicavam em língua portuguesa, em seus clubes de remo, os luso-brasileiros afirmaram-se no campo esportivo.

Todavia, os luso-brasileiros continuaram a produzir fronteiras simbólicas de sua identidade cultural, quando se apropriaram do futebol. Tendo à frente muitos luso-brasileiros foi fundada a primeira associação de futebolistas em Porto Alegre sem restrições à participação de outros grupos étnicos. A aceitação de sócios teuto-brasileiros no futebol representou mais uma estratégia de fortalecimento das associações luso-brasileiras no associativismo esportivo em Porto Alegre.

O confronto de identidades revela a preocupação tanto dos luso-brasileiros quanto de teuto-brasileiros em preservar seus elementos culturais por meio do associativismo esportivo. Isso mostra que o associativismo se constituiu num mecanismo de produção de identidades culturais em Porto Alegre. Considera-se que as disputas identitárias repercutiram positivamente no cenário esportivo porto-alegrense, com

a multiplicação de associações, introdução de novas práticas esportivas e as acirradas disputas nas competições.

Por fim, cabe destacar que o associativismo esportivo luso-brasileiro foi um dos pilares da construção do campo esportivo em Porto Alegre.

Searching a lusitanian-brazilian identity on the Sportive Associativism in Porto Alegre in the beginnings of 20th century

ABSTRACT: The significant presence of lusitanian-brazilians in Porto Alegre was initially marked by typical dance and folklore, and in the middle of 19th century, by the turf (or horse racing). Only at the beginnings of the 20th century, lusitanian-brazilians organized their first sportive association in the city, favoring the practice of rowing. At this times, already exists other rowing associations in Porto Alegre, but they congregate the german-brazilian. This study has in central objective, to comprehend how occurred the cultural identities confrontation between the lusitanian-brazilians and german-brazilian sportive associations in Porto Alegre, on the beginnings of the 20th century. It's probable that the lusitanian-brazilians choice to practice rowing was an answer to the significant presence of german-brazilians in the Porto Alegre's sportive associativism. For the lusitanian-brazilians, the sportive associativism was a border demarcation mechanism in relation to german-brazilians in Porto Alegre.

KEY WORDS: Sports associations; lusitanian-brazilian; cultural identity.

Búsqueda de la identidad luso-brasileña en las asociaciones deportivas de Porto Alegre a comienzos del siglo XX

RESUMEN: La fuerte presencia de luso-brasileños en Porto Alegre se limito inicialmente a las danzas y al folclore, y a partir de la segunda mitad del siglo XIX en la práctica del hipismo. Sólo a principios del siglo XX, los luso-brasileños organizan su primera organización deportiva en la ciudad, privilegiando la práctica del remo. En esta época, ya existían otras asociaciones de remadores en Porto Alegre, pero que congregaba en su mayoría a teuto-brasileños. Este estudio tiene como principal objetivo comprender como se produjo el enfrentamiento de identidades culturales entre las asociaciones deportivas luso-brasileñas y teuto-brasileñas en Porto Alegre en las primeras épocas del siglo XX. Es probable que la adopción del remo como principal práctica deportiva de los luso-brasileños signifique una reacción a la fuerte presencia de teuto-brasileños dentro de las asociaciones deportivas porto-alegreses. Para los luso-brasileños, las asociaciones deportivas se constituyeron en un mecanismo de demarcación de fronteras respecto a los teuto-brasileños en Porto Alegre.

PALABRAS CLAVES: Asociaciones deportivas; luso-brasileños; identidades culturales.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, V. *História oral: a experiência do Centro de Pesquisa e Documentação*. Rio de Janeiro: FGV/CPDOC, 1989.

AMARO JÚNIOR, J. (Org.). *Almanaque Esportivo do Rio Grande do Sul*. Pôrto Alegre: Tipografia Esperança, 1942.

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2000.

BURKE, P. *O que é história cultural?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

CARNEIRO, F. Dos Moinhos de Vento ao Cristal. *Revista do Globo*, Porto Alegre, n. 698, p. 46-52, 1957. In: MAZO, J. *Catálogo do Esporte e da Educação Física na Revista do Globo*. Porto Alegre: PUCRS, 2004. I CD-ROM.

CHARTIER, R. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

FRANCO, A; SILVA, M.; SCHIDROWITZ, J. (Orgs.). *Pôrto Alegre: biografia duma cidade*. Livro Comemorativo do Bicentenário da Fundação da Cidade. Porto Alegre: Tipografia do Centro, 1940.

FRANCO, S. *História ilustrada de Porto Alegre*. Porto Alegre: Já Editores, 1997.

_____. *Porto Alegre Guia Histórico*. 3. ed. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1998.

GALVANI, W. Internacional: festa de 50 anos. *Revista do Globo*, Porto Alegre, n. 744, p. 22-27, 1959. In: MAZO, J. *Catálogo do Esporte e da Educação Física na Revista do Globo*. Porto Alegre: PUCRS, 2004. I CD-ROM.

HALL, S. The spectacle of the other. In: HALL, S. *Representation: cultural representations and signifying practices*. Londres: Sage/The Open University, 1997.

HOBBSAWM, E. *Nações e nacionalismos desde 1780: programa, mito e realidade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

HOFMEISTER, C. *Pequena história do remo gaúcho*. Porto Alegre: Corag, 1978.

JESUS, G. *A bola nas redes e o enredo do lugar: uma geografia do futebol e de seu advento no Rio Grande do Sul*. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

LICHT, H. *O remo através dos tempos*. Porto Alegre: Corag, 1986.

MACEDO, F. *História de Porto Alegre*. 3. ed. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1999.

MACHADO, W. O glorioso, visita ao Barracão Listrado, onde se abrigam as glórias de um veterano do remo gaúcho: o clube de Regatas “Almirante Barroso”. *Revista do Globo*, Porto Alegre, n. 424, p. 48-49, 1946. In: MAZO, J. *Catálogo do Esporte e da Educação Física na Revista do Globo*. Porto Alegre: PUCRS, 2004. I CD-ROM.

MAGALHÃES, M. *Pangermanismo e nazismo: a trajetória alemã rumo ao Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp, 1998.

MAZO, J. *A emergência e a expansão do associativismo desportivo em Porto Alegre (1867-1945): espaço de representação da identidade cultural teuto-brasileira*. Tese (Doutorado em Ciência do Desporto) – Faculdade de Ciências do Esporte, Universidade do Porto, Portugal, 2003.

_____. *Catálogo do Esporte e da Educação Física na Revista do Globo*. Porto Alegre: PUCRS, 2004. 1 CD-ROM.

_____. GAYA, A. As associações desportivas em Porto Alegre, Brasil: espaço de representação da identidade cultural teuto-brasileira. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, v. 6, n. 2, p. 205-213, maio/ago. 2006.

MELO, V. *Cidade sportiva: primórdios do esporte no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Relume Dumará/Faperj, 2001.

_____. *Dicionário do esporte no Brasil: do século XIX ao início do século XX*. Campinas: Autores Associados, 2007.

_____.; MAIA, P. Turfe. In: DACOSTA, L. (Org.). *Atlas do esporte no Brasil*. Rio de Janeiro: Shape, 2005.

MOTTA, M. 1922: em busca da cabeça do Brasil moderno. *Revista do CPDOC*, Rio de Janeiro: FGV, 1994.

PESAVENTO, S. *História & história cultural*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

PIMENTEL, F. *Aspectos gerais de Porto Alegre*. Porto Alegre: Imprensa Oficial, 1945.

REVISTA DO GLOBO. Corridas da Protectora do Turfe. Porto Alegre, n. 6, p. 39, 1929. In: MAZO, J. *Catálogo do Esporte e da Educação Física na Revista do Globo*. Porto Alegre: PUCRS, 2004a. 1 CD-ROM.

REVISTA DO GLOBO. Número dedicado aos Esportes. Porto Alegre, n. 3, p. 1, 1933. In: MAZO, J. *Catálogo do Esporte e da Educação Física na Revista do Globo*. Porto Alegre: PUCRS, 2004b. 1 CD-ROM.

REVISTA DO GLOBO. Ao tranqüilo no mais... um domingo de carreiras na Cancha Pitalunga. Porto Alegre, n. 413, p. 29-31, 1946. In: MAZO, J. *Catálogo do Esporte e da Educação Física na Revista do Globo*. Porto Alegre: PUCRS, 2004c. 1 CD-ROM.

REVISTA BAIRRO MOINHOS. Porto Alegre, ano 2, n. 5, 2005.

RIBEIRO, A. Os bastidores de um hipódromo. *Revista do Globo*, Porto Alegre, n. 366, p. 26-27 e 57, 1944. In: MAZO, J. *Catálogo do Esporte e da Educação Física na Revista do Globo*. Porto Alegre: PUCRS, 2004. 1 CD-ROM.

- ROZANO, M.; FONSECA, R. (Orgs.). *História de Porto Alegre*: Jockey Club. Porto Alegre: Nova Prova, 2005.
- ROZANO, M. A despedida e a inauguração. *Jornal Zero Hora*, Porto Alegre, 22 nov. 2006.
- SEYFERTH, G. *Imigração e cultura no Brasil*. Brasília: Editora da UnB, 1990.
- THOMPSON, P. *A voz do passado: história oral*. São Paulo: Paz e Terra, 1992.
- TUBINO, M. (Org.). *Repensando o esporte brasileiro*. São Paulo: Ibrasa, 1988.
- WERNER, G. O parcão tem história. *Jornal Zero Hora*, Porto Alegre, p. 62, 29 nov. 2001.
- WIEDERSPAHN, H. *A colonização açoriana no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes/Instituto Cultural Português, 1979.

Recebido: 17 jun. 2008

Aprovado: 27 set. 2008

Endereço para correspondência

Janice Zarpellon Mazo

Av. Lucas de Oliveira, 2.507/402 – Bairro Petrópolis

Porto Alegre-RS

CEP 90460-001